



*Marilena, no dia da indicação, com Dilson Funaro*

## Boi gordo derruba Marilena

**São Paulo** — Para Marilena Lazzarini, ex-delegada da Sunab em São Paulo, apenas boa vontade e eficiência não bastam para levar um projeto adiante no Brasil. “Sem apoio político, credibilidade e legitimidade não se consegue fazer um trabalho bem-feito”, diz Marilena, que por pouco não se transformou em bode expiatório, durante a crise do boi gordo, por absoluta falta de estrutura do órgão que ajudava a dirigir.

Marilena pondera que, graças à escassa margem de manobra que o cargo lhe permitia, não sofreu pressões tão agudas quanto as que costumam afetar quem está mais próximo do poder central. Os ataques que recebeu resultaram justamente da falta de estrutura da Sunab, cujos fiscais pouco puderam fazer para contentar os fiscais do Sarney — estes, aliás, entregaram o cargo, em meio às cobranças desenfreadas de ágio, meses antes de Marilena, que o fez às vésperas da Semana Santa.

Engana-se totalmente, no entanto, quem pensar que ela se arrependeu de ter colaborado com um governo que parece não saber para onde vai “Eu e os companheiros que passaram pela Sunab ou ainda estão lá aprendemos muito e estamos cheios de planos para sugerir a quem pretender iniciar um trabalho de

reestruturação do organismo”, avisa.

Na sua opinião, a Sunab não precisa de mais funcionários para ser um autêntico órgão fiscalizador. Bastam uma ampla reforma e um processo de descentralização, de modo que as delegacias regionais tenham maior autonomia e poder de decisão.

Enquanto isso não acontece, Marilena trabalha na criação de um centro de defesa do consumidor, desvinculado de qualquer organismo governamental e também de empresas privadas, “para evitar os riscos da cooptação”. Nele, planeja valer-se da experiência adquirida não só como delegada da Sunab, mas também como diretora do Procon, uma entidade de defesa dos consumidores ligada à Secretaria de Planejamento de São Paulo.

No começo, nada haverá de parecido com o trabalho do advogado Ralph Nader — o defensor número um dos consumidores norte-americanos —, mas a entidade pode configurar o embrião de um poderoso centro de defesa e orientação, da qual tanto se ressentem os brasileiros, que estavam comendo, por exemplo, gelatina com excesso de cromo sem ter a quem reclamar.